

Mas, através de toda a história dos filhos de Israel no Velho Testamento, este ensino concernente à ira de Deus é revelado constantemente. Todas as aflições e tragédias dos indivíduos e das nações são explicadas dessa maneira. Seu esquecimento de Deus e seu afastamento dele sempre levam a alguma conturbação. Deus pune suas transgressões, às vezes ativamente, às vezes passivamente, permitindo-lhes que sigam seu próprio curso para colherem as conseqüências de tal modo de viver. O cativo na Babilônia não foi, primariamente, resultado de fracasso político e de derrota militar. Foi resultado direto de abandonar a Deus; foi a ira de Deus revelando-se contra o pecado do Seu povo. Exatamente da mesma maneira, os acontecimentos que se deram no ano 70 A.D. – o saque de Jerusalém, a expulsão do povo judeu do seu território e a destruição do seu templo – são simplesmente o cumprimento literal do que lhes tinha sido dito repetidamente que ia acontecer, se não se arrependessem. A história do povo escolhido é, certamente, uma terrível lição objetiva da doutrina da ira de Deus contra o pecado.

Precisamos apenas mencionar o nome de João Batista para nos lembrarmos das palavras: “Quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir?” (Lucas 3:7). Na qualidade de último profeta, ele resume a mensagem profética com essa ardente frase. Daquele que Vem ele diz: “Em sua mão tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará” (Mateus 3:12).

Mas o ensino é igualmente claro e definido no ministério pessoal do nosso Senhor. Podemos anotar apenas uns poucos exemplos. Pensem neste assunto ao lerem Mateus, capítulo 7: “Toda árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo”; e: “Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (7:19,23). Ou pensem nas palavras que Ele emprega ao falar aos discípulos sobre ter medo dos homens: “Não temais os que matam o corpo... temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo” (Mat. 10:28). Pensem também nas descrições do juízo em Mateus, capítulo 25, e em Lucas 13:23-30, e em Suas referências à cidade de Jerusalém. E em João 3:36: “A ira de Deus sobre ele permanece”.

A mesma doutrina se vê nos ensinamentos registrados em Atos dos Apóstolos, com seu toque de clarim: “Salvai-vos desta geração perversa” (Atos 2:40), e em todo o ensino das Epístolas. Mas devemos notar particularmente a exposição da revelação da ira de Deus feita pelo apóstolo Paulo nos versículos 24, 26 e 28 do capítulo primeiro da Epístola aos Romanos. De acordo com Paulo, Deus puniu o pecado daqueles que O tinham rejeitado, tinham se afastado dEle, e tinham feito seus próprios deuses – Deus puniu o pecado do mundo pagão antigo e revelou Sua ira contra da seguinte maneira: Ele “os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si... os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm” (1:24, 28). Noutras palavras, o estado real e concreto do mundo pagão antigo é uma demonstração da ira de Deus. Deus puniu o pecado deixando de restringi-lo, permitindo que seguisse seu curso e chegasse a seu resultado. Ele entregou as pessoas “a um sentimento perverso” (VA: “a uma mente reprovada”). Quanto mais ignoravam Deus e o negavam, mais, em certo sentido, estavam proclamando o Seu ser, a Sua existência. Temos a tendência de pensar que a ira de Deus deve manifestar-se na forma de punição ativa, mas aqui somos lembrados de que às vezes ela se revela tão-somente permitindo que o pecado corra solto e completamente desenfreado, mostrando-se em toda a sua torpeza e fealdade, em todo o seu horror.

Certamente esses fatos são de tremenda significação para a época atual. Não seria essa a explicação do presente estado em que o mundo e a humanidade se encontram? Pusemos as nossas próprias ideias sobre Deus e as nossas filosofias no lugar da revelação, tentamos

construir um novo Jesus, e temos procurado ordenar e viver as nossas vidas de acordo com as nossas ideias, e não com as de Deus. Durante um século essa apostasia vinha se processando, e os homens se gabavam do novo mundo que eles iam fazer. Por um tempo tudo parecia estar muito bem. Não aconteceu nada de terrível, e, para os fins do século dezenove e nos primeiros anos deste século [vinte], parecia haver chegado a era perfeita. Mas, daí para cá tivemos as duas guerras mais terríveis da história, e a vida se deteriorou e se degenerou do modo como já vimos. Que significa tudo isso? É apenas uma repetição do que Paulo diz: “Deus os entregou a uma mente reprovada”. Deus nos deixou colher o que semeamos. É o juízo de Deus sobre nós, não no sentido de que Ele causou ou enviou guerra, mas que Ele permitiu que o nosso pecado agisse e levasse à suas inevitáveis consequências de sofrimento e dor. O estado em que se encontra o mundo na presente hora proclama alto e bom som “a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça”, contra todo o pecado dos homens. Portanto, se negarmos esta verdade, significará apenas que alegamos conhecer mais sobre Deus do que os profetas, os apóstolos, e até mesmo Jesus Cristo.

Hesito em acrescentar algo. De nada mais estou seguro senão de que a suprema necessidade da presente hora é da pregação que proclame e anuncie “a ira de Deus contra toda impiedade e injustiça”, sem discussão nem apelo. As lições do estado atual do mundo devem ser propugnadas enfaticamente, e devemos advertir as pessoas de que, a não ser que se arrependam, coisa pior sofrerão. Como temos visto, o que quer que pensemos ou digamos, a realidade da ira de Deus contra o pecado é clara e patentemente revelada de muitas maneiras diferentes. E, contudo, vou acrescentar algumas palavras a modo de resposta a objeções.

Não há nada que seja tão arrogante, ou tão perigoso, como o uso do tipo de argumento que diz que não devemos crer em nada concernente a Deus que não possamos crer a respeito do homem. O argumento soa muito plausível, mas esconde duas falácias fundamentais. A primeira é não entender o sentido da palavra “ira”, e pensar nela em termos da ira humana pecaminosa. A segunda é não compreender a santidade de Deus e a diferença essencial que há entre Ele e nós. “Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma” (1 João 1:5). Mal conseguimos conceber isso, e, por essa razão, qualquer tentativa nossa de postular o que pode ser ou não ser verdade a respeito de Deus, é mera adivinhação de ignorantes. A justiça, a retidão e a santidade de Deus exigem insistentemente o Seu ódio ao pecado e a todas as obras do pecado. Qualquer outra coisa é inconcebível.

Mas isso não implica, nem por um momento, como erroneamente muitos parecem pensar, que, em vista disso, Deus não é um Deus de amor. Na verdade, é exatamente o oposto. É somente à luz do ódio e da aversão de Deus pelo pecado que realmente podemos ver o Seu amor e apreciar o encanto e a glória do evangelho. A medida da Sua ira contra o pecado é a medida do amor de Deus, pelo qual Ele está pronto a perdoar o pecador e a amá-lo, apesar do pecado. Apesar de tudo o que se falou e se escreveu acerca do amor de Deus durante o século passado, tem havido muito menos evidência de uma genuína apreciação do amor de Deus e muito menos prontidão a render-se a esse amor. A ideia de amor tem sido tão sentimentalizada que o amor de que falam veio a ser pouco mais ou pouco melhor do que uma vaga e geral benevolência. O amor de Deus é santo. Ele se expressa, não por desculpar o pecado ou por fazer-lhe concessão; o amor de Deus dá o devido tratamento ao pecado e, contudo, faz isso de tal modo que o pecador não é destruído com o seu pecado, mas é libertado dele e das suas consequências. Como o nosso Senhor assinala na parábola que narrou ao fariseu Simão (Lucas, capítulo 7), é só quando compreendemos a nossa

A Situação Crítica – Cap. 04 – Errata das páginas 86-92.

pecaminosidade, como Deus a vê, que podemos apreciar verdadeiramente o Seu amor. Aquele a quem muito se perdoa muito ama (7:47).

Mas, finalmente, não há nenhuma base real para a objeção a este ensino concernente à “ira de Deus”, pois o caminho de fuga está amplamente aberto. Não há necessidade de ninguém permanecer debaixo da ira de Deus. E é certo e seguro que esse fato estabelece definitivamente a questão. Se não houvesse escape, a situação seria muito diferente. No entanto, que é que pode acontecer com quem deliberadamente se recusa a aceitar a oferta de salvação, senão sofrer as consequências dessa recusa? E essa é a explicação da nota de urgência da pregação de Paulo e dos demais apóstolos, como também de todos os maiores pregadores, desde a era apostólica. É por isso que o evangelho é boa notícia, é boa nova. A ira de Deus já foi revelada. Contudo, agora o meio de escape dessa ira também é revelado no evangelho de Cristo. Discutir sobre a ira e fazer-lhe objeção, e enquanto isso ignorar o anúncio concernente ao amor e à graça, não somente é o cúmulo da loucura, mas é também a pessoa condenar-se a desnecessário sofrimento e castigo; e, ao mesmo tempo, essa estulta atitude priva-nos de toda e qualquer desculpa e alegação em nosso favor.